

TEIXEIRA

JUNHO 2014

BOLETIM INFORMATIVO Nº97 | PREÇO 0,50€



ASSOCIAÇÃO

AMIGOS

DA TEIXEIRA

AAT - FUNDADA EM 1971

ROTA DA MISSA
PERCURSO PEDESTRE DA TEIXEIRA

DIA DOS ANTÓNIOS
14 DE JUNHO

FESTA DO STO. SACRAMENTO
2, 3 E 4 DE AGOSTO



PROPRIEDADE E EDIÇÃO

AAT - Associação Amigos da Teixeira
Rua Nossa Senhora da Conceição, 5
6285-051 Teixeira Seia
Telf.: 238 661 058
E-mail: associacao.amigos.teixeira@gmail.com

DIREÇÃO

João de Brito

COLABORADORES

Alexandra Brito (Xana)
Almerinda Costa
Carlos Lima
Carlos Reis Marques
João Álvaro Mendes
José Conde
Lucília Pereira dos Santos
Maria de Lurdes Pinto
Paulo Pereira

FOTOGRAFIA

Carlos Reis Marques
Joana Gonçalves
José Conde
Rui Brito

APOIO INFORMÁTICO

Fernando da Silva Figueiredo

TIRAGEM

350 exemplares

PERIODICIDADE

Trimestral

IMPRESSÃO E PAGINAÇÃO

IMAGEM MULTIMEDIA - Produção de Imagem
Rua Dr. Gaspar Rebelo, 13
6270-436 Seia

A aplicação ou não do Novo Acordo Ortográfico é da responsabilidade dos autores dos textos.



a voz da direção

1-O Verão está de volta e com ele a Teixeira irá ser visitada por muitos teixeirenses, de diversas gerações, bem como por outras pessoas que pretendem conhecer a nossa região. A paisagem, entrecortada num vale entre a Serras do Açor e da Estrela, é magnífica, podendo ser explorada através de caminhadas, de que se destacará a *Rota da Missa*, uma novidade implementada pelo CISE (Centro de Interpretação da Serra da Estrela), isto sem esquecer os mergulhos e as braçadas que se poderão dar nas águas cristalinas e de temperatura amena da piscina da Associação. Visitar a Teixeira é, também, a oportunidade de provar alguns excelentes petiscos, beber a jeropiga, o vinho, os finos e a afamada “pelicórdia” (aguardente de medronho). Visitar a Teixeira será conviver com os amigos, ler um livro requisitado na Biblioteca da Associação, ver uma Exposição temática ou assistir a uma Palestra e participar na Festa do Santíssimo Sacramento que,



anualmente, tem lugar no primeiro fim de semana de Agosto e que, na sua parte profana, é este ano organizada pelo Rancho Folclórico e Etnográfico da Teixeira.

2- A Teixeira é terra de gente hospitaleira. Foi, é e será sempre assim. A Teixeira teve, tem e terá sempre orgulho do seu passado, da luta que desenvolveu em prol do seu território, luta essa retratada por um dos maiores vultos da literatura portuguesa, o beirão Aquilino Ribeiro, de Sernacelhe, Carregal do Sal, na sua obra “Quando os Lobos Uivam”. Recordar este passado é abonatório de quem ajudou a construir o presente e serve de apoio a quem projeta o futuro.

3-Neste número temos a colaboração de mais duas mulheres naturais da Teixeira. Enviaram os seus

escritos, que constituem um forte contributo para o prestígio desta revista, as associadas Maria de Lurdes Pinto e Almerinda Costa. Um bem-haja pela sua intervenção e colaboração.

4- Estava já fechada esta edição quando soubemos da morte súbita, aos 54 anos, de um anterior membro dos Órgãos Sociais da AAT, o Arménio Figueiredo Santos. Lamentando tal morte, podemos afirmar que foi um verdadeiro Amigo da Teixeira.

5- Finalmente, o Verão constitui uma oportunidade de se conhecer melhor a Teixeira e os concelhos limítrofes onde as histórias e as famílias se cruzam, onde cada casa é um caso, onde a solidariedade e a vida comunitária do passado constituem uma boa recordação, onde, em cada semana, até Setembro, há uma Festa.

6- Venham até à Teixeira e tragam os vossos amigos! Esperamos por si!

*João de Brito – presidente da AAT
1 de Junho de 2014*



NOTÍCIAS DA TEIXEIRA

Rota da Missa

um percurso pedestre de pequena rota na Teixeira,

por José Conde (CISE)

A Ideias de Montanha é um projecto de iniciativa do município de Seia, cuja gestão foi assumida recentemente pela Associação de Desenvolvimento Integrado da Rede das Aldeias de Montanha, que tem por missão primordial promover o desenvolvimento de um território de montanha.

O território das Aldeias de Montanha abrange uma vasta área, situada no sector sudoeste da serra da Estrela e na encosta norte da serra do Açor, no concelho de Seia, que inclui as localidades de Alvoco da Serra, Cabeça, Lapa dos Dinheiros, Loriga, Sabugueiro, Sazes da Beira, Valezim, Vide e Teixeira.

Este território, em resultado da sua história geológica, relevo acidentado, gradiente altitudinal amplo e contrastes climáticos, constitui um espaço que se caracteriza por uma significativa diversidade de paisagens. Estas são o suporte de uma relevante variedade de habitats, espécies de fauna e flora e têm reflexo no desenvolvimento de um conjunto

de tradições e usos que se destacam pela sua especificidade.

A rede de itinerários pedestres, denominada Caminhos da Montanha, constitui uma infra-estrutura turística que, pela sua abrangência geográfica, deverá contribuir para um maior desenvolvimento socioeconómico das populações locais e, em simultâneo, proporcionar uma divulgação mais efectiva dos valores ambientais deste território. A rede em fase de execução e dinamização compreenderá, quando concluída, um total de 14 rotas e mais de 100 km de caminhos devidamente sinalizados.

No âmbito do projecto referido, na freguesia da Teixeira, no extremo sul do concelho de Seia, numa área de relevo muito acidentado, está em fase de implementação um percurso pedestre de tipologia linear. O percurso de pequena rota, denominado de rota da Missa, desenvolve-se ao longo de um vale encaixado atravessado pela ribeira da Teixeira, um afluente da ribeira de Alvoco. O trajecto percorre um caminho rural antigo, que estabelece a ligação entre as localidades da Teixeira de Cima e a Teixeira de Baixo e faz a ligação à rota da Ribeira de Alvoco.

O percurso, no sentido descendente, tem início na

Teixeira de Cima, junto à Associação dos Amigos da Teixeira, e atravessa o núcleo da povoação por entre um conjunto de pitorescas construções tradicionais em xisto. No termo da povoação, um desvio dá acesso a um socalco sobranceiro à ribeira da Teixeira onde existe um lagar de azeite. O edifício em xisto, assente sobre uma construção mais antiga, sofreu obras de requalificação e ampliação em 1995, tendo-se mantido em laboração até ao início do corrente século.

No vale, em terrenos marginais à ribeira e aos ribeiros que sulcam as encostas, encontra-se uma área vasta de campos agrícolas instalados em socalcos. Estes terraços agropastoris foram construídos e mantidos por gerações sucessivas de agricultores. Localizados a meia encosta e na base do vale, beneficiavam da fertilidade do solo e da disponibilidade hídrica, de modo a compensar a escassez de precipitação durante o estio. A irrigação destes campos era feita por levadas que desviavam a água dos cursos principais e a conduziam para as áreas de cultivo. O êxodo rural, verificado sobretudo nas décadas de 60 e 70 do

século XX, contribuiu para o abandono gradual destes campos, encontrando-se na actualidade áreas vastas ocupadas por giestais, medronhais e pinhais.

No sector mais a jusante do vale, próximo da Teixeira de Baixo, situa-se o lugar do Pereiro, conjunto habitacional de casas em xisto ocupado até meados da década de 60 do século passado. Nesta área encontram-se socalcos bem conservados e ainda cultivados com milho, batata, oliveiras e vinha na bordadura dos muros de suporte. Na aldeia, instalada sobre um afloramento de xisto, as casas dispõem-se em escadaria e as suas gentes mantêm a tradição de apanha do medronho para a produção de aguardente.

Este Verão, durante o mês de Agosto, a Associação Amigos da Teixeira irá exhibir, uma vez mais, uma exposição fotográfica promovida pelo CISE. As imagens que integram a exposição Paisagens das Aldeias de Montanha pretendem dar a conhecer alguns dos cenários mais emblemáticos que se podem observar na serra da Estrela e, em simultâneo, contribuir para a sua divulgação e valorização.



assembleia-geral ordinária

resumo da acta



No dia 22 de Março de 2014, pelas 14,30 horas, reuniu a Assembleia-Geral, em Sessão Ordinária, da Associação Amigos da Teixeira, a qual havia sido convocada nos termos da lei dos Estatutos, de acordo com o nº2 do art.º 29 e anunciada no “Jornal da Teixeira”. Não havendo à hora indicada, quórum suficiente, a mesma iniciou-se às 15,30 horas com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto 1: Discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção relativas ao exercício de 2013.

Ponto2:Informações.

Verificada a folha de presenças, confirmou-se estarem presentes 43 associados com direito a voto.

António Reis, Presidente da Mesa da Assembleia Geral, começou por saudar todos os associados presentes e recordou todos os associados falecidos nos últimos meses, pedindo um minuto de silêncio em sua memória findo o qual se iniciaram aos trabalhos.

Ponto 1: O Presidente da Mesa da Assembleia Geral agradeceu a presença do Dr. Figueiredo Pratas (TOC da AAT) passando a palavra a este que apresentou o relatório e contas de 2013 bem como o desenvolvimento de toda a actividade anual da direcção. Houve algumas dúvidas sobre o entendimento dos resultados finais, tendo a associada Leontina Pedroso, membro do Conselho Fiscal, explicado aqueles de uma forma mais simples e sintética, aproveitando, também, para esclarecer os associados presentes das vantagens de se alterarem os Estatutos. António Brito (Tesoureiro) e Carlos Marques (Secretário) intervieram também sobre o relatório e contas. Depois de mais algumas intervenções, o relatório e contas de 2013 foi posto à votação, tendo sido aprovado por unanimidade.

Ponto dois: João de Brito (Presidente) leu uma carta da Junta de Freguesia, dirigida à direcção, informando da construção de um novo cemitério em terrenos da Associação, esclarecendo que este assunto já tinha sido votado e aprovado numa Assembleia realizada muitos anos atrás, tendo o associado Joaquim Figueiredo confirmado que isso tinha sido feito era ele Presidente da Junta de Freguesia. Afirmou ter lido a carta a título meramente informativo.

O associado Mário Rosa propôs, de seguida, que se

fizesse uma missa anual, de preferência, no mês de Agosto, por alma dos sócios falecidos e o associado João Álvaro propôs que se criasse um quadro de honra com os nomes dos sócios falecidos. As duas propostas foram aprovadas por unanimidade.

João de Brito informou, finalmente, da realização de alguns eventos já programados e agradeceu, em nome da Direcção, aos membros da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho Fiscal e a todos os associados, bem como à Câmara Municipal de Seia, ao TOC e ao médico Dr. António Nolasco, a colaboração prestada durante o período decorrido, fazendo um apelo para se unirem esforços em torno da AAT para esta poder prestar ainda mais serviços aos seus associados.

Eram 17,45 horas quando o Presidente da Mesa da Assembleia Geral deu por encerrados os trabalhos.

necrologia

Faleceu, no dia 25 de Março de 2014, no hospital de Seia onde esteve internada 2,5 meses, a associada Albertina Figueiredo Reis, Nascida no dia 15 de Setembro de 1936, era irmã dos associados Gracinda Reis e de Manuel e Joaquim Reis (Pacato - Cacém). Os seus familiares enviaram uma mensagem de agradecimentos a todos os que manifestaram o seu pesar nesta data.

Faleceu inesperadamente, no dia 21 de Maio de 2014, o nosso associado e ex membro dos Órgãos Sociais da Associação Amigos da Teixeira, Arménio Figueiredo Santos. Nascido em 11 de Novembro de 1958, era casado com a nossa associada Cacilda Santos Rosa e era o filho mais novo da quase centenária associada “tia” Georgina, De referir, ainda, ser irmão dos nossos associados João, António e Mário. Os seus familiares agradecem a todos os que manifestaram, por diversas formas, o seu pesar pelo infortúnio. A Direcção da Associação manifesta a sua tristeza por ver partir um homem que foi sempre um Amigo da Teixeira e da sua Associação.

dia da saúde,

por João Álvaro Mendes

Quando da realização da Assembleia-Geral da AAT em Março pretérito, o nosso prezado consócio e amigo Sr. Mário Rosa propôs à Assembleia, o que esta prontamente aceitou, a celebração anual de uma Eucaristia (vulgo Missa) por intenção de todos os sócios falecidos.

Por acordo entre a Direcção e a Comissão Fabriqueira da Paróquia, foi escolhido para o corrente ano (e espero eu que assim se institucionalize) o Domingo a seguir à Festa do Santíssimo Sacramento: 10 de Agosto.

Na qualidade de associado e Cristão congratulo-me com esta iniciativa apelando desde já a uma participação maciça dos teixeirenses neste acto. A todos aqueles que, por qualquer motivo não possam estar presentes, apelo a que nesse dia, ao participarem nas Missas onde residam, não deixem de incluir estas intenções nas suas preces.

Com efeito se a Missa, como nos dia a Liturgia é um “Memorial da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo” assim por Ele instituída na Ceia que antecedeu a Sua Paixão, é o “espaço” adequado para lembrarmos e

intercedermos pelos nosso irmãos da Associação que, encontrando-se já junto de Deus ou a caminho para tal desígnio, nos fortaleçam a Amizade que, devendo ser paradigma de todos os viventes, mais razão há para ser aplicada entre os Cristãos que em conjunto formam a Associação dos Amigos da Teixeira.

Acreditem que é com muita pena que às vezes sinto um certo afastamento entre nós dos ensinamentos Cristãos, nomeadamente as “Obras de Misericórdia” que nos convidam a, fraternalmente, “corrigir os que erram”

Voltando ao nosso tema, quero lembrar aquela maravilhosa carte de S. Paulo em que ele nos diz que “Se Cristo não ressuscitou então é vã a nossa Fé”. É pela Fé, que confirmamos sempre que recitamos o “Credo” quando dizemos que acreditamos na vida eterna, que nós queremos lembrar e honrar os nossos mortos que, acreditamos, vivem já a sua vida eterna e os homenageamos a todos por igual independentemente do muito ou pouco que fizeram pela nossa Associação.

E vamos celebrá-los em Festa porque a Missa é a Grande Festa dos Cristãos em que não celebramos um Deus morto mas sim um Deus VIVO e RESSUSCITADO.

O Vosso Amigo

João Álvaro Mendes

médico regressou à aldeia com a intervenção da Associação Amigos da Teixeira *(in, jornal “Porta da Estrela”, de 15/03/2014)*

Há um ano atrás, a Associação Amigos da Teixeira (AAT) foi «pioneira» na prestação de cuidados médicos aos associados. Após o encerramento do posto de saúde, que obrigava a população a deslocar-se a Vide, Loriga ou a Seia, «foi dado um passo de gigante» com o regresso do médico à aldeia, salientou João de Brito.

Segundo o dirigente da AAT, o médico António Nolasco iniciou as consultas no dia 21 de Janeiro de 2013 e no final desse ano já tinha efectuado 500 atendimentos no moderno e funcional posto médico, que entretanto foi colocado ao serviço dos associados.

Depois disso, adiantou João de Brito, os medicamentos prescritos começaram a ser entregues na Associação após um protocolo estabelecido com uma Farmácia, sendo posteriormente distribuídos aos utentes, e recentemente também começaram a ser efectuadas recolhas domiciliárias de sangue e urina para análises. Para breve vai iniciar-se o serviço de enfermagem em paralelo com as consultas médicas.

Para celebrar o primeiro aniversário do regresso do médico à aldeia, no passado dia 23 de Fevereiro António Nolasco despiu a bata e conversou com a população sobre o “Enfarte Agudo do Miocárdio”, uma iniciativa que pretende continuar ao longo do ano com outro tipo de esclarecimentos, como sejam os cuidados a ter a nível da enfermagem e o pé diabético.



António Nolasco escolheu para o primeiro encontro com a comunidade o enfarte do miocárdio porque «é a doença que mais mata em Portugal». Numa região onde as pessoas «estão muito distantes das urgências hospitalares», o médico deixou alguns conselhos e atitudes a tomar ao primeiro sinal de alerta. Explicou também, por linguagem simples, os sintomas deste tipo de doenças, bem como os sinais de alarme e factores de risco como a diabetes, hipertensão, colesterol, obesidade, stress, tabagismo, havendo

também que ter em conta a idade e a história familiar. «Controlando isto, conseguimos controlar de alguma maneira as doenças cardio-vasculares», admitiu.

Sobre o regresso do médico à Teixeira, António Nolasco salientou que este serviço tem como objectivo «minimizar os estragos que as amarguras da vida nos trazem», terminando a apresentação a solicitar à população que adopte, cada vez mais, medidas de prevenção.

Para João de Brito, o regresso do médico à aldeia e também as acções de sensibilização que agora se pretendem implementar, «minimizam os prejuízos do abandono a que a população tinha sido votada». Recordou que este exemplo «teve um impacto significativo» nas aldeias vizinhas que também alguns dias por semana passaram a receber a visita do médico.

O dirigente da AAT referiu ainda que a promoção do bem-estar e da saúde «foi uma prioridade da direcção e

estamos certos de ter feito a opção correcta», admitiu.

Todos os associados da AAT, residam na Teixeira em permanência ou não, beneficiam destas regalias e reconhecem que o trabalho de carácter social que foi implementado constituiu uma mais-valia para todos.

Também Filipe Camelo se congratulou com o modelo encontrado pela Associação e posteriormente com as juntas de freguesia do alto concelho, enaltecendo o facto de as entidades «terem dado as mãos, ultrapassando e minimizando os problemas que as pessoas sentem». O presidente da Câmara de Seia lamenta que a Unidade Móvel que o Município pretendia colocar à disposição das populações «nunca tenham encontrado eco por parte da tutela», referindo uma vez mais que o trabalho de complementaridade entre médico e enfermagem é uma solução que «acarretará um conjunto de mais-valias» para as populações distantes dos grandes centros urbanos.

O prazer de Ler,

por Paulo Pereira

O ano passado foi com surpresa e prazer que descobri numa sala da Associação dos Amigos da Teixeira umas prateleiras contendo livros para serem requisitados pela população. Dessa biblioteca constam livros dos mais variados temas, capazes de agradar a gregos e troianos, miúdos e graúdos. A quantidade não é muita? Pode ser, mas Teixeira nunca será um grande centro, pois não? A oferta é mais do que adequada à procura e isso é que é importante – ter o suficiente para oferecer à população. Um grande bem-haja a todos os que contribuíram – e virão a contribuir – com livros para o crescimento de mais esta pequena pérola escondida na serra apenas para os conhecedores.

Já usufruí de alguns desses livros, até porque há um tema que muito me interessa desde sempre e que lá está muito bem representado: a história de Portugal da 2ª metade do séc. XX, sobretudo o período imediatamente anterior e posterior ao 25 de Abril. O que acontecia na minha terra (e o meu mundo é a minha terra) enquanto eu nascia e aprendia a dar os primeiros passos fascina-me, e como sou da colheita de 1974...

Mas a descoberta da biblioteca de Teixeira foi para mim mais uma redescoberta do que uma descoberta. Do prazer de Ler! E isto porque, em meados dos anos 80, descobri o prazer de Ler em Teixeira pela 1ª vez.

Indo à Teixeira todos os Verões com os meus pais, e embora adorando a beleza do espaço e a maneira de ser das suas gentes, tinha momentos em que acabava



por me aborrecer e ficar sem ter que fazer. A minha família, os “Minhotos,” era mais numerosa do que é hoje, como seria de se esperar. O tempo passa para todos.

Na altura era frequente ter lá em casa, para além dos meus pais e da minha querida Avó, outros tios com respectivos filhos – primos meus, portanto. A presença dos meus primos, no entanto, não me ajudava muito a resolver o meu problema com o tédio, porque eu calhei de ser dos primos mais velhos e naquela altura eles ainda eram demasiado pequenos para me acompanharem. E como sempre fui reservado e tímido, não conseguia misturar-me com outras crianças mais da minha idade que pudesse haver na aldeia.

Para “piorar” um pouco o cenário, convém lembrar que na altura não havia internet nem telemóveis nem playstations nem Associação nem piscina nem sequer quatro canais de televisão – a minha infância ainda foi passada a ver RTP1 e 2. Então, quando já não tinha mais que fazer com os mais velhos (Avó, pais e tios) nem com os mais novos (primos) ... o que restava?

Já na altura gostava de ler, pelo que depressa me habituei a levar que ler para Teixeira. E quanto mais melhor, porque longos dias pode ter um mês... E depressa desenvolvi um ritual de leitura que me fez ler muitos e bons livros: saia da aldeia em direcção, ou à ribeira, ou à zona onde é hoje o campo de futebol.

Procurava uma boa sombra com vista e perdia-me por horas em mundos imaginados e escritos por outra pessoa, noutra sítio e noutra altura.

Lembro-me de ter devorado – durante vários Agostos – a obra dum escritor chamado Tolkien. Escrevia sobre um outro mundo e sobre as aventuras de alguns dos seus habitantes. Nenhum era humano, pelo que ao ler tinha de imaginar tudo na minha cabeça – Como seria aquela terra? Como seriam os elfos? E os orcs? E os hobbits? Os livros eram grandes e muito detalhados. Tinha de parar várias vezes para reler páginas de texto para não me perder na história e para imaginar na minha cabeça o que o escritor estava a descrever. Foi difícil, mas deu-me prazer. De tal maneira que, anos atrás, quando fizeram filmes sobre os livros de que vos falo agora - alguns de vocês

poderão ter visto (na televisão, por exemplo) algum dos “Senhor dos Anéis” – a minha reacção foi a de não querer ver os filmes. Porquê, se tinha gostado dos livros?

Por isso mesmo.

Porque lendo o “Senhor dos Anéis” eu fiz um filme só para mim, só na minha cabeça. E ver o filme “Senhor dos Anéis” seria ver o filme que o realizador fez na cabeça dele. Não me interessa. Prefiro lembrar-me do filme que fiz na minha cabeça enquanto lia à sombra dum árvore qualquer em Teixeira sobre Mordor e Sauron e os hobbits e o anel...

Os melhores filmes são os que fazemos na nossa cabeça provocados pelo que estamos a ler. Moral da história: usufruam da biblioteca de Teixeira. Não deixem morrer o prazer de Ler.

Plantação espécies autóctones

em 29 de Março/2014,

por Carlos Marques

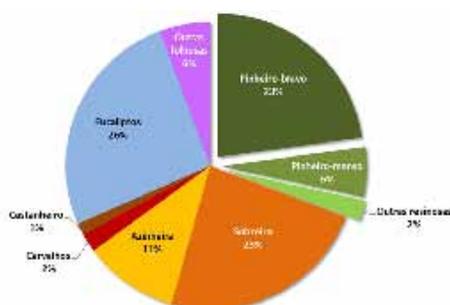
- A floresta representa, na economia nacional, cerca de 11% das exportações totais e 3% para o Produto Interno Bruto (PIB), ou seja, é a terceira mais importante ao nível da UE, logo atrás da Finlândia e da Suécia.

- Às razões económicas somam-se razões ambientais porque a floresta deve estar harmoniosamente adaptado ao clima, á paisagem e á região de forma a evitarem-se o alastramento de fenómenos de desertificação do solo, de descaracterização das paisagens, de alterações climáticas e a perda de espécies únicas.

- Algumas espécies florestais já são objecto de legislação específica para a sua protecção, como a azinheira e o azevinho: por exemplo, hoje é proibido o arranque, o corte total ou parcial, o transporte e venda do azevinho espontâneo.

- A floresta da Teixeira (e a floresta da região) sofre dos problemas por demais conhecidos: desordenamento, desinteresse e abandono de proprietários, reforço das espécies de rápido (pinheiro, eucalipto) e diminuição drástica de espécies naturais (carvalho, castanheiro).

REPARTIÇÃO DA FLORESTA NACIONAL – 2010



- Naturalmente, os fogos são uma catástrofe, uma espada, todos os anos pendendo sobre a cabeça de todos aqueles que estão definitivamente apaixonados pela nossa região, sejam ou não moradores. O despovoamento, o envelhecimento da população e a imensa redução das actividades ligadas à terra, nomeadamente a pastorícia, tornam a referida espada demasiado pesada para se sustentar por si própria: pode não ser este, pode não ser para o ano, mas os infelizes incêndios de 2001 e de 2005 provavelmente vão voltar a assolar a Teixeira e as terras em redor.

- A situação relativa de Portugal é mais preocupante se pensarmos que a longo prazo, as perspectivas relativamente às alterações climáticas em Portugal apontam para uma subida da temperatura global (maior número de dias com mais de 35°C) e maiores períodos de seca, levando ao aumento de risco de fogos florestais.

- Apenas para a relembrar a importância da floresta:

- Encerra uma grande biodiversidade;
- Garante o necessário equilíbrio ecológico;
- Garante a manutenção dos valores naturais;
- Contribui para a melhoria da qualidade de vida



- A ação apenas foi possível com a pronta adesão de diversas entidades, como a Câmara Municipal de Seia, a Junta de Freguesia da Teixeira, o Centro de Interpretação da Serra da Estrela (CISE), o Centro Dinamizador das Aldeias de Montanha (ADIRAM), o Rancho Etnográfico e Folclórico “Os Camponeses” da Teixeira, o Parque Natural da Serra da Estrela e o Agrupamento de Escolas Guilherme Correia de Carvalho que inclui a EB23 Reis Leitão (Loriga); pessoas que, em termos pessoais e / ou institucionais também prontamente aderiram e participaram ativamente Dra. Rita Pina, Dr. Ricardo Mendes, Dr. Alexandre Silva, Dr. José Conde, Sr. Rui, Dr. Joaquim Pina, EnG.^a Teresa, entre outros. O CISE foi fundamental quanto à disponibilidade das espécies a plantar e apoio técnico.

- Claro que a adesão mais importante foi a dos teixeirenses, da mais tenra idade, aos mais “pesados”. Mas todos trabalharam arduamente para concretização do projecto e todos saíram enriquecidos pelos conhecimentos adquiridos, pelo convívio, pelo contributo para a nossa flores e para a nossa paisagem. Claro, apesar do mal cheiroso (fertilizante) ... Terminou-se com um lanche na AAT e a atuação do rancho.- A AAT (e certamente todos os que participaram) tem muito orgulho nesta acção. E deixa desafios: que tal repetirmos? Que tal pegarmos numa placa e identificar o local e, talvez, pelo menos uma das árvores que plantámos? E que tal se periodicamente fossemos limpar as ervas daninhas e regar as nossas árvores?

ACEITAM?

das populações;

- Realiza a fotossíntese da qual depende a vida;
- Garante a produção de oxigénio a partir do dióxido de carbono, sendo por isso considerada os “pulmões do mundo” ou “sumidouros de carbono”;
- Desempenha um papel relevante a nível ecológico, a nível económico e a nível social;
- É fonte de bens, como as madeiras, os combustíveis, os alimentos e as matérias-primas;
- Tem funções de protecção do solo contra a erosão e de controlo do ciclo e da qualidade da água;
- Tem um elevado valor paisagístico e recreativo.

- Dada a gravidade e amplitude deste problema, torna-se cada vez mais claro que, para além das necessárias medidas a desenvolver e a implementar pelos organismos estatais responsáveis e proprietários florestais, a prevenção e minimização dos incêndios florestais precisa de um profundo envolvimento de todos os cidadãos.

- O desenvolvimento da floresta é um processo que decorre muito lentamente, sendo necessário muito tempo para que se estabeleçam os equilíbrios fundamentais entre as diferentes espécies e o meio físico envolvente. O acelerado ritmo das actividades humanas e as agressões frequentes aos espaços florestais não é compatível com a lenta capacidade de resposta dos ecossistemas florestais.

- Alertando consciências e lembrando a importância da floresta e, logo, a importância da nossa paisagem e do nosso modo de vida, a AAT resolveu comemorar o Dia da Árvore em 29 de Março (8 dias desfasado do dia real por questões logísticas), plantando espécies autóctones num local previamente escolhido – antiga lixeira e caminho de acesso – de forma a também contribuir para recuperar o espaço.

nascimento



A Leonor Miguel nasceu no dia 19 de Maio de 2014. É filha da Dra. Ana Pedroso e do maestro Pedro Miguel e neta dos nossos estimados associados António Pedroso e Dra. Leontina Pedroso. Parabéns aos progenitores.

eventos

Desde Março que, na Associação, têm sido efectuados alguns eventos, para além dos que destacamos neste número, sendo de referir:

- Dia Internacional da Mulher: comemorado no dia 8 de Março e em que estiveram presentes 96 mulheres, tendo 40 delas vindo, de autocarro alugado, do Cacém e aproveitado o dia para visitarem a Serra da Estrela e os seus imponentes 2 mil metros. O jantar estava muito bom, a música esteve a condizer. A alegria e a amizade estiveram sempre presentes e eram quase 3,00 horas da manhã quando se deu por encerrado este dia tão marcante para as mulheres de todo o mundo. O regresso ao Cacém deu-se no dia seguinte, domingo. Uma tradição que perdura na Teixeira graças às suas mulheres.

- Domingo de Páscoa: a procissão antecedida de missa foi bem demonstrativa de que este dia continua a ser muito importante para as gentes da Teixeira que celebram a ressurreição de Jesus Cristo, A data serve, ainda, como momento de reflexão, em homenagem à vida e morte de Cristo e de agradecimento e glorificação do seu sofrimento. A Páscoa é celebrada também pela reunião da família, sendo um momento de confraternização e de alegria.

- Dia dos Jotas: foram 75 os presentes neste já tradicional convívio que “os e as” com o nome começado por “J” organizam anualmente. Para além do excelente jantar, três tocadores de concertina animaram o jantar. Os mordomos estão de parabéns pela iniciativa.

quotas e donativos para o jornal

Fernanda Gonçalves Silva	20,00 €
João Afonso dos Santos	8,00 €
José Figueiredo Reis	20,00 €
Laurinda Gonçalves Silva	20,00 €
Maria Lurdes Marques Freire	20,00 €
Maria Lurdes Marques Rosa	10,00 €
Total	98,00 €

Os Associados que quiserem liquidar as suas quotas por transferência bancária podem-no fazer para a conta de Depósitos á Ordem abaixo indicada, identificando-se pelo nome, ou pelo nº de sócio. Lembramos que a quota anual é de € 12,00 (doze euros).

Entidade Bancária: Caixa Geral Depósitos

Conta n.º: 0201050449330

NIB: 0035 0201 0005044933064

IBAN: PT50003502010005044933064



CANTINHO DO ASSOCIADO

as minhas raízes!...,

por Almerinda Costa (1º Parte)

Capítulo 1

No Ano de 1949, numa Aldeia que fica situada na Serra do Açor mas de frente para a Serra da Estrela, no Concelho de Seia, nasceu uma menina a quem puseram o nome de "...". Era uma bebé como tantas outras. Naquele tempo viviam-se tempos muito difíceis, a Mãe trabalhava no campo, ao sol, e o Pai trabalhava nas famosas "Minas da Panasqueira", sendo o meu Pai oriundo do Minho. Foi lá que conheceu a minha mãe, que era natural da aldeia e freguesia da Teixeira, Seia, assim como os avós maternos, sendo os avós paternos do concelho de Ponte de Lima, onde o meu pai nasceu, viveu uma grande parte da sua juventude - constava que ele resolveu sair da sua aldeia por motivos amorosos, sendo certo que ele já tinha um filho quando conheceu a minha mãe que na altura também trabalhava nas minas, na lavagem do minério. O meu pai fez amizade com o grupo da nossa aldeia, e como era tocador de concertina depressa se fez amigo de todos e passou a acompanhá-los à aldeia onde, devido à sua simpatia e a ser amigo do seu amigo (não dispensava o seu copito) depressa se integrou na nossa comunidade, que também era muito hospitaleira e de trato fácil e não demorou muito tempo a constituir uma grande e numerosa família, tendo casado com a minha mãe num matrimónio do qual nasceram doze filhos, sendo que três morreram de tenra idade. E um que o meu pai já tinha de uma relação anterior mas que, por ironia do destino, só conhecemos depois da sua morte.

Capítulo 2

Mas essa menina já tinha dois irmãos mais velhos, que por curiosidade nasceram no mesmo ano -1943. O nosso Pai era um homem humilde, e era também

analfabeto. Era uma coisa que ele não queria que acontecesse aos filhos, pois ele sabia a dificuldade que tinha para assinar qualquer documento. Por ironia do destino, foi essa filha que o ensinou a fazer a sua assinatura, coisa que o fez muito feliz. Aos meus irmãos mais velhos, cabia a tarefa de ajudar no campo. Um ia guardar as cabras e o outro ia ajudar a Mãe no campo, claro que os resultados escolares não eram os tão ambicionados... O meu Pai estava muito desiludido, porém entre o meu nascimento e estes acontecimentos já haviam nascido mais três irmãos, o que veio aumentar mais as já muito complicadas condições de sobrevivência. O meu Pai já não trabalhava nas minas, e agora era serrador, naquela altura não havia fábricas, e o trabalho era todo manual, pelo que o trabalho era muito árduo e duro. O meu Pai fazia de tudo, barbeiro, carpinteiro, etc, tal como a minha mãe, faziam de tudo para nos criar, mas os tempos não eram fáceis, mas com a ajuda da minha Avó e tias maternas (pois como já aqui tinha referido a família paterna era de muito longe, os Avós paternos nunca os conheci com grande mágoa minha). O meu pai, como atrás referi, era de Ponte de Lima, um homem bom e trabalhador que fazia de tudo pelos filhos. Estava sempre pronto para ajudar no que fosse preciso, "ENFIM... ERA O MINHOTO!" mas com o bom feitio, a amizade e a diversão que acabaram por ser bem aceites. Na nossa aldeia não se diziam palavrões, talvez por isso (e não sendo por maldade) mas nós, em especial os irmãos mais velhos, nos sentíamos, digamos assim, um pouco discriminados.

Quer nas brincadeiras, na escola, na catequese etc.

Convém aqui referir que o número de filhos ia aumentando - chegámos a ser doze. Mas Deus chamou para junto dele três. A de idade entre mim e os mais velhos mais dois meninos muito mais novos - e assim ficámos nove. Portanto os meus pais tiveram que trabalhar muito. A saúde do meu pai começou muito cedo a manifestar-se débil e as forças começam

a faltar. Mas para grandes males grandes remédios os meus irmãos iniciaram a arte de serrar quando tinham apenas 12, primeiro a ajudar o pai e a aprender o ofício, com 16 já trabalhavam sozinhos ainda que com a supervisão do pai. Um ano depois começaram a arte que o pai lhe tinha ensinado. Por esta altura o meu pai já havia conquistado todos, velhos e novos, todos se renderam à sua simplicidade, era muito conhecido e querido não só na nossa aldeia como nas aldeias vizinhas, ninguém ficava indiferente ao "MINHOTO" como veio a ficar conhecido, tanto por ser trabalhador, honrado como divertido. Não havia festas ou um



simples bailarico em que ele não estivesse presente com a sua famosa e inseparável concertina. Que não havia nas redondezas quem tocasse melhor, ainda hoje pelas aldeias vizinhas é recordado com carinho e saudade, porém por esta altura a doença começava a atraí-lo, não podendo já fazer grandes esforços pensou: “Vou abrir uma taberna!”. Diga-se em bem da verdade que a única estrada que havia só ligava Seia à Covilhã e ficava a cerca de 5 km da aldeia, pelo que tratou de comprar uma parelha de machos para poder fazer os transportes. Depois foi a Seia tratar das respectivas licenças e lançou-se com a minha mãe no negócio de Almocreve comprando e vendendo, de tudo um pouco, do vinho

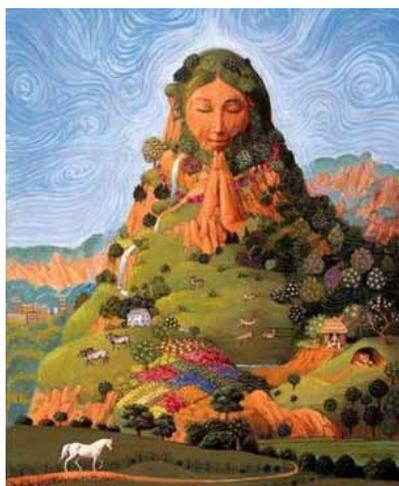


aquelas serras fora continuar o negócio.

(*Continua*)

rezas ou benzeduras,

por *Lucília Santos*



REZA DO PÉ/BRAÇO COZIDO

Quando se torce um pé ou braço põem-se água a ferver num púcaro de barro e reza-se o seguinte:

- *Que tens? (Pergunta que se faz á pessoa que tem o pé ou braço torcido)*

- *Carne quebrada e nervo torto,*
- *Esse mesmo é que eu cozo. Com a graça de S. João, S. Julião e S. Berdão para que esse pé ou braço volte a ser são*

Rezar 1 pai-nosso e 1 ave-maria

Tem que se dizer esta reza três vezes e a medida que se vais

dizendo /rezando fazem-se cruzes em cima do pé ou braço torcido.

Depois da água ferver vira-se o púcaro com a água para um prato também de barro e faz-se no fundo do púcaro uma cruz com uns pauzinhos e a água que fica no prato sobe novamente para o púcaro. O púcaro tem que estar naquela posição (invertido) durante 9 dias sem lhe mexerem. Ao fim de 9 dias podem deitar a água fora.

Se a água não subir novamente para o púcaro é porque o pé ou o braço não é torcido mas partido.

Outra:

Se este nervo é quebrado, rendido, fendido ou torcido,

Pelas 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo torne a ser unido

Rezar 1 pai-nosso ás 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo

Têm que se dizer / rezar 5 vezes

REZA PARA CORTAR O COBRÃO (ZONA)

Normalmente o cobrão aparece numa zona do corpo e diziam os nossos antigos que se não se fizesse

ao azeite, tinham também licença de venda de vinhos e petiscos em feiras e romarias. As coisas iam correndo mais ou menos bem, os meus pais com o negócio, e os meus irmãos já independentes na profissão mas a trabalhar para casa mas, e há sempre um mas, o destino pregou mais uma partida, a doença que ele tinha era nem mais menos que a maldita “SILICOSE” a que vulgarmente nós chamávamos a doença das minas. Com os pulmões gravemente afectados já não podia ir com frequência tratar dos negócios, foi a minha mãe, que era uma mulher de armas, que passou a ir sozinha por

a reza rapidamente se alastrava percorrendo o corpo todo, podendo até levar á morte caso se juntasse a cabeça com o rabo, ou seja voltar ao ponto onde começou.

Tem que ser dita três vezes em dias seguidos.

Eu te corto

Se és cobra ou cobrão, sapo ou sapolão,

Sardanisca ou sardão, aranha ou aranhão

Eu te corto

Cabeça, rabo e raiz do coração

Conforme se reza vai-se fazendo mais cruzes com uma faca no sítio onde apareceu o cobrão

Existe ainda outra forma de cortar o cobrão:

- *Que tens? (pergunta feita pela pessoa que está a cortar o cobrão)*

- *Um cobrão.*

- *Aqui te corto cabeça, rabo e raiz do coração*

Enquanto se fazia a reza juntavam-se palhas de centeio e cascas dos alhos que se cortavam em três e se punham a arder juntamente com pólvora e azeite. Essa mistura, tipo pomada era esfregada no local onde apareceu o cobrão.



REZA PARA AS QUEIMADURAS

*Santa Seziria,
Três filhas criou,
Elas todas três em fogo ardiam,
Cospe-lhe e sopra-lhe,
Que o mal sarará*
Diz-se três vezes e á medida
que se vai rezando vão-se fazendo

com a mão cruces em cima da queimadura. Colocavam depois da reza folhas de lavaça (planta) quentes untadas com azeite, com o objetivo das queimaduras não infetarem.

REZA PARA OS ZAGRES (herpes labial)

*Rio Mondego,
Passei por um zagre e matei-o*
À medida que se dizia a reza passava-se com a rolha do tinteiro, e mais recentemente com a caneta por cima do zagre, fazendo uma cruz.

REZA PARA NASCER OS DENTES

*Mourão, mourão
Toma lá o meu dente podre
E dá-me cá um são*
Isto fazia-se sempre que caíam os dentes do leite, á medida que dizíamos a reza atirávamos o dente para trás das costas e não podíamos ver onde ele caiu nem o ouvir cair.
Outros tempos onde ainda não se

falava da fada dos dentes...

REZA PARA TIRAR UM CISCO DO OLHO

*Cisco, cisquinho
Vai para um cantinho
Que vêm lá Nosso Senhor
Que te dá com o cajadinho*

REZA PARA SE PODER BEBER ÁGUA NAS LEVADAS E RIBEIRAS

*Água corrente,
Não mata gente
Aqui passou S. João,
Com uma cruz na mão
Se esta água tiver peçonha,
Que não impeça no meu coração
S. Silvestre, S. Silvestre,
Que esta água não tenha peste*
Fazem-se cruces por cima da água, à medida que se vai rezando.

Outra:
*Água benta,
Pau da cruz
Rebenta o demónio,
Que esta água é de Jesus*

Aldeias fantasma II,

por Carlos Lima

Sim, a geração actual, completamente urbana é, e está, quase afastada da anterior (os pais), apenas porque nasceu e cresceu, e foi a primeira, fora do ambiente que caracterizou e educou as vinte ou trinta anteriores.

Assim, e apesar de estar permanentemente em contacto com as suas origens, existe conhecimento que se perde. Por tradição e por grau de educação elevada, alguns destes jovens investigam e alimentam a curiosidade, procurando divulgar o que ouvem dos mais velhos, perpetuando em escrita o que em poucos anos seriam lendas. A existência deste jornal, fomentando activamente a concretização do conhecimento em papel, é tanto mais importante quanto o facto de ser o último elo de ligação entre as gerações que sabem (os pais) e as que imaginam (os filhos).

Quando falamos em conhecimento, muitos de nós presenciou ainda pequenos às últimas fases de

isolamento da aldeia. Podemos falar de viva voz de muitas coisas, aventuras, brincadeiras e da viagem, quase interminável.

A questão fulcral é que nos habituámos, como geração urbana que somos, a ver a terra onde nasceram os nossos pais, como local de veraneio nas férias grandes. As festas, o rio e a amizade construíram óptimos verões de folia, alegria e saudável convivência. Hoje o que restam são lembranças dessa infância/adolescência, bem vivida e intemporal.

Afinal o que sabemos nós desta terra? Muito pouco! E o que queremos que ela seja daqui a umas dezenas de anos? Quase nada! Não podemos enchê-la com a nossa presença, as viagens assíduas, agora já rareiam, sobretudo pelo seu custo. O que podemos então fazer para evitar que um grande aglomerado, leia-se muitas dezenas de edifícios, se transformem a passos largos num lugar fantasma?

Pois eu não sei responder! Se quisermos analisar o que se passa na região, temos que ser pragmáticos e dizer que estamos muito bem. Temos médico, um café, Associação, esplanada, piscina, vários serviços sociais activos e sobretudo pessoas. Sim, pessoas!

Sofremos uma verdadeira razia de entes queridos nos últimos anos, mas é por esse mesmo motivo que a aldeia mostra a sua força. Nem que seja por umas semanas no verão, a piscina está repleta de teixeirenses, descendentes e amigos. Nos longos meses de inverno, entre raras viagens de curta duração, são os telefones, as tecnologias e este jornal, os principais veículos de contacto, além claro dos encontros pessoais de famílias e amigos, pois na região de Lisboa residem grande parte dos descendentes da Teixeira, em dois ou três grandes núcleos.

Em conclusão, muito se tem feito, e bem, para retardar o “fecho de portas” da aldeia. O fim está longe, mas que se aproxima não temos dúvidas. A grande questão é: Se por algum motivo extraordinário, grande parte desta geração urbana tivesse que voltar, para ficar, na

terra onde nasceram os pais, e por lá viverem, o que fariam para sobreviver?

Não chega dizer que temos onde ficar, o mundo de hoje é tão volátil que nunca sabemos quais as reais necessidades da Humanidade. Acreditamos que aprendem depressa mas pelo clima, pela instrução, educação e conforto, seria quase impossível uma adaptação. Cultivar? Onde? Como?

Os pais quiseram o melhor para os filhos, e conseguiram. Esperemos que nunca precisem verdadeiramente de voltar a trabalhar a terra que alimentou os pais e avós.

Ela continua lá, mas já não sabemos o que fazer com ela!

União Europeia uma pequena história,

por Carlos Marques (3.^a e última parte)

3. Recentemente e não só. Os últimos anos continuam a ser marcados pela grave crise económica, que tem afectado com particular intensidade os países do Sul (Grécia, Chipre, Itália, Espanha, Portugal) e outros, como a Irlanda. A EU tem apoiado fortemente estes países mas também outros, de economias mais fortes e sustentadas, mas que também estão a ter problemas, em parte por efeito de contágio natural dado o estreitamento de relações entre todos. No entanto a esperança é uma realidade, sobretudo



através de investimentos nas novas tecnologias, verdes e amigas do ambiente; por outro lado deseja-se agora que a Europa mostre a força, que é a cooperação, de uma forma mais estreita, capaz de trazer trágam crescimento e bem-estar duradouros.

Já neste velho ano de 2013, a Croácia aderiu à EU, agora Europa dos 28.

3. a) A imagem à esquerda tem bem identificadas as instituições da União Europeia, estando no topo, à esquerda a bandeira. Falar sobre cada um destes órgãos de funcionamento da EU caberá mais em pormenor a outros que o queiram fazer; aqui fez-se apenas esta apresentação rápida. A bandeira da EU foi aprovada em 1983 pelo Parlamento Europeu e, posteriormente, em 1985, por todos os dirigentes da, na altura, CE como o emblema oficial; as doze estrelas dispostas em círculo simbolizam os ideais de unidade, solidariedade e harmonia entre os povos da Europa, sendo o círculo o símbolo de unidade; portanto, o número de países nada significa neste símbolo.

4. Reconhece-se que este artigo não será muito fácil para todos aqueles que aprenderam na dita “escola da vida”; o mesmo não se passa com os mais novos e letrados que, hoje, são a maioria dos sócios da AAT. Logo, mais uma vez, a união começa em casa.

Muitas vezes critica-se o fato de Portugal ter aderido à EU. Bom, vamos ver uma ou duas coisitas...

a) Em 1986 tínhamos apenas a televisão estatal, dois canais, em muitas casas ainda a preto e branco, não existiam telemóveis, ocasionalmente escrevíamos uma cartita ou outra, as viagens eram mais demoradas e difíceis, nem (quase) todos tinham carro, a maioria dos jovens ia a pé ou de transportes públicos para a escola, a Teixeira ainda tinha a escola a funcionar normalmente. Muito havia para melhorar.

b) Com a entrada na EU muitos fundos, ditos estruturais vieram para Portugal, de forma a ajudar a colocar o país ao nível económico e social dos restantes membros. Pretendia-se, entre outros, o desenvolvimento de infra-estruturas, dos níveis educacionais, da capacidade tecnológica geral e das

empresas, da qualificação das pessoas, o aumento da produtividade mais do que da produção, isto é, produzir mais com menor incorporação de trabalho, ajudar a criação e desenvolvimento de marcas e produtos reconhecidamente capazes no contexto internacional. Bom, não foi bem isto que se passou, sem dúvida, por erros políticos e de fiscalização, também pela impaciência e mau uso de alguns gestores e, se calhar das próprias pessoas. Mas muito melhorou, com reflexos bem positivos na maioria de nós.

c) Portugal encontra-se numa posição geográfica dita de “charneira entre três continentes”: ou seja, se olharmos para o mapa, o país encontra-se precisamente no caminho de rotas que ligam a América, a África e a Europa; se aliarmos a este fato as relações de privilégio com países de língua oficial português, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné, Timor, então estão favorecidas para Portugal as trocas comerciais neste contexto. Por outro lado, esta mesma posição é uma debilidade: afastado de centro de decisão da Europa, caso não se tivesse verificado a adesão, a nossa situação seria a de nos afastarmos cada vez mais de desenvolvimentos positivos na Europa.

d) Um último ponto, a moeda única (Euro). Relembrado a situação antes de 1 de Janeiro de 2003: para nos deslocarmos para a Europa o câmbio era obrigatório e caro; pagavam-se taxas, que eram mais caras no estrangeiro; perdíamos tempo, para fazer estas trocas de moedas e vínhamos com a sensação que as coisas do que deviam. Agora, circulamos

pelos 17 países que neste momento já aderiram ao Euro apenas saindo de casa com “uns trocos”, porque mesmo as próprias máquinas de multibanco pela Europa retribuem os nossos pedidos em dinheiro utilizável sem mais nada. Quanto às empresas, nem é preciso falar, já que são evidentes as poupanças a todo o nível que a moeda única trouxe nas trocas comerciais. Na realidade o Euro significou maior acessibilidade aos produtos, alargando o comércio em área e diversidade, para as empresas e pessoas, tornando os preços potencialmente mais baratos para todos.

Certo que o Euro também significou um arredondamento de alguns preços de uma forma abusiva, mas pensa-se que o fato foi apenas um dos escolhos de uma relação de Portugal com a Europa nem sempre pacífica. De qualquer das formas, em lado nenhum existem apenas aspectos positivos, há sempre um deve e haver, umas vezes mais favorável, outras não; o resumo faz-se no global e aí, pensem o que seria se hoje Portugal não fosse parte integrante da EU.

Finalmente, a adesão significa também ver reconhecidas as qualificações profissionais em todos os países, bem como, livremente, poder estudar e investigar em qualquer país da EU e ainda eleger deputados para o Parlamento Europeu e votar para as autarquias do país onde se vive.

Bibliografia: Lobato, Cláudia “GEOGRAFIA 10ª”, Areal Editores, Perafita, SD

[Http://europa.eu/about-eu/eu-history/index_pt.htm](http://europa.eu/about-eu/eu-history/index_pt.htm)

DIA DOS ANTÓNIOS

14 de Junho de 2014

Missa, seguida de Procissão:
11,00 horas

Almoço na AAT:
13,00 horas

Entradas: rissóis, croquetes e chamuças minis, ovos mexidos com farinha, morcela e chouriço assado, manteigas, patés e pão (broa e trigo).
Sopa: sopa do campo.
Prato: Bacalhau á nossa moda
Sobremesa: sobremesas variadas de doces e de frutas
Bebidas: vinho, água e sumos.
Café e um digestivo.

Merenda na AAT:

a partir das 18 horas
Caldo verde
Salgados diversos e uma fritada
Vinho, água e sumos
Café e um digestivo

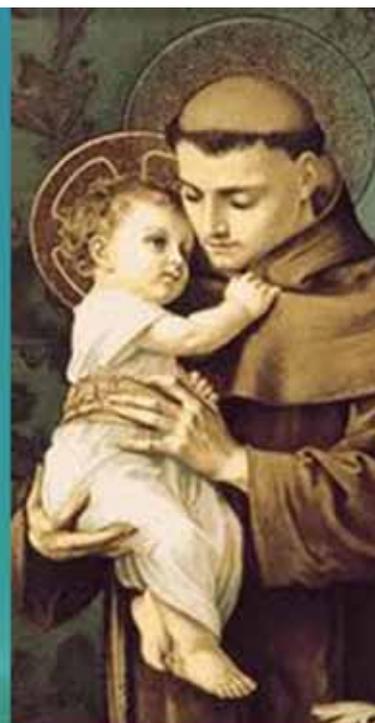
Almoço e merenda (participação):

- mais de 13 anos: 15 santo antoninhos
- dos 6 aos 12 anos: 9 santo antoninhos

Inscrições: até ao dia 10 de Junho.

- no balcão do bar da AAT
- para o telefone da AAT: 238.661.058
- e-mail: associacao.amigos.teixeira@gmail.com
- mordomos:

António dos Santos Reis – 966 308 532
António Brito Santos – 965 528 356



Venha conviver e rever Amigos!
Traga outro amigo, também!

O amor e um ovo estrelado,

por Alexandra Brito (Xana)



Há coisas que nos causam um certo embaraço. Dizer “gosto de ti” ou mesmo “amo-te” é uma delas. Para a generalidade dos portugueses demonstrar verbalmente sentimentos desta natureza nem sempre é aceitável. Eu percebo, pois pertença ao mesmo clube. Dizer “gosto de ti” soa-me sempre mal. Parece-me uma frase demasiado lamechas e piegas, copiada de uma novela brasileira. Por diversas vezes tentei dizer a frase, mas sempre que abria a boca, a língua enrolava-se e nada saía. Tentei inclusivamente dizê-la em inglês - pois parecia-me menos pirosa. Mas sem efeito. Trata-se obviamente de um problema de expressão que tenho comigo. Um sinal de pouca habilidade para deitar cá para fora aquilo que trago no coração.

Confesso esta inaptidão e este desajeitamento depois de ler o texto que o meu vizinho nas páginas deste jornal, Paulo Pereira, escreveu na última edição do jornal. Na sua prosa, declarou o seu amor pela namorada e descreveu como seria a visita guiada que lhe faria quando a apresentasse à aldeia. Foi um texto muito bonito, genuíno e, acima de tudo, corajoso. Porque assumir que se gosta assim de uma pessoa, de forma tão pública, não é para qualquer um. É feito apenas para os mais corajosos.

Já eu, desastrada na articulação das palavras e “bazaroca” na gestão dos sentimentos, fico-me pelo silêncio. Como acontece com a maior parte das pessoas, é-me mais fácil mostrar os sentimentos pelos gestos e as acções do que pelas palavras. E a verdade é que há gestos que dizem muito. Já descobri o amor nas situações mais invulgares. Como, por exemplo, num ovo estrelado. Confuso? Eu explico. Soube que um namorado gostava muito de mim quando ele estava a estrelar dois ovos para o almoço: um deles saiu perfeito, o outro desmanchou-se e ficou com a gema esborrachada. Pois bem: ele deu-me o ovo estrelado perfeito para eu comer e ficou com o ovo esborrachado para si. Isto é um pequeno sinal de amor: abdicar de algo de que se gosta em favor do outro, para fazê-lo feliz.

Também encontrei provas do amor que o meu irmão sente por mim, quando um dia pisei um enorme coco de cão, no Príncipe Real, em Lisboa. Não se riam. Porque o caso não foi para brincadeiras. Ao ajudar o meu irmão a fazer uma manobra de estacionamento, não vi onde coloquei o pé e acabei por pisar o “presente” deixado na via pública por um (certamente gigante) cão. Quando olhei, fiquei paralisada: encostei-me à parede, com a perna direita o mais afastada possível do corpo, com vômitos (por estar enojada com a

situação), a transpirar e de lágrimas nos olhos. Ao olhar para mim e para o fanico despropositado que se me estava a dar, o meu irmão desatou-se a rir. Mas quando se apercebeu que eu não estava a fazer fita e estava realmente aflita com a situação, tomou uma atitude: Descalçou-me o ténis imundo, levou-o para longe, limpando-o primeiro na relva e depois com lenços de papel, retirando todos os vestígios de sujidade do calçado. De seguida, abeirou-se de mim, calçou-me o ténis limpo e atou-me os atacadores. Eu fiquei-lhe eternamente grata pela atitude. Foi um grande gesto de amor. E amar é isso: É tomar decisões e acções difíceis para socorrer e proteger quem nós amamos.

Dos meus pais tenho provas de amor todas as semanas. Um amor forte, perpétuo e incondicional. Daqueles amores raros que nos garantem que, por mais voltas que a vida dê e mesmo que eu me torne na maior bandida à face da terra, esse amor estará sempre lá: intacto e inquebrável. Dizem que não há amor maior do que aquele que uma mãe ou pai sente por um filho. Eu acredito que sim. Que seja verdade.

O amor da minha avó é diferente. Dura como o aço – porque a sua vida não foi doce com uma pera - a anciã não é dada a palavras gentis ou a gestos meigos. Mas se olharmos com atenção, com detalhe e pormenor, o cenário é bem diferente. Há gestos seus que são um sinal de enorme carinho. Por exemplo, quando eu era pequenina e dormia com ela, lembro-me perfeitamente de quando ela saía da cama, calcava-me os cobertores e as mantas ao longo do corpo, para que eu ficasse aconchegada e sem risco de apanhar frio. Esse hábito persegue-me. Ainda hoje para me adormecer, enrolo-me nos cobertores, para me sentir aninhada e protegida, tal como ela me fazia quando era criança. O amor da minha avó é também um amor descarado: Ela diz a quem quiser ouvir, sem pruridos nenhuns, que eu sou a neta que ocupa mais espaço no coração dela. E sei que é verdade, pois sempre que me despeço dela, crava-me as unhas no braço e diz-me: “Fica mais um bocadinho, não te vás embora já, que eu gosto tanto de falar contigo”. E eu fico. Mesmo apesar de ficar com os braços esganhados pela força que ela faz.

Escrevo este texto e estas linhas (talvez excessivamente sentimentalistas) não só por causa do artigo recente do Paulo Pereira mas também devido à triste notícia da morte do primo Arménio. O desaparecimento inesperado e repentino desta pessoa tão querida pela aldeia faz-nos “abrir os olhos” e perceber que há coisas demasiado importantes para serem adiadas. E demonstrar às pessoas que nos rodeiam o quanto gostamos delas faz parte desse conjunto de coisas essenciais a não esquecer. Que o façamos, pois. Todos os dias. Sem embaraços.

ESPAÇO DA MEMÓRIA

40 anos do 25 de abril de 1974,

por Maria de Lurdes Pinto

Estando a decorrer as comemorações do 40º aniversário do 25 de abril de 1974, gostaria de fazer algumas considerações sobre a vida do país e, em particular da nossa aldeia, antes do 25 de abril de 1974 e as transformações que este acontecimento trouxe.

Antes do 25 de abril de 1974 na nossa aldeia vivia-se numa extrema miséria. A população vivia no seu estádio mais primário, lutando pela subsistência.

As terras eram áridas e pouco produtivas e o povo alimentava-se do pouco que estas davam.



Não havia pão,

Não havia cuidados de saúde

As casas não tinham as mínimas condições de habitabilidade, como água, luz e esgotos

Não havia reformas

Não havia esperança

O único bem alimentar que chegava à aldeia era a sardinha, já amarela e rançosa e uma unidade alimentava três ou quatro pessoas.

Diariamente comia-se o “caldo”, entenda-se a sopa, acompanhado de um bocadinho de carne de porco, porco que tinha que durar até à matança do próximo, no ano seguinte.

A escassez de bens essenciais não era só para os mais pobres, mesmo aqueles que se consideravam mais abastados também não iam além do que as terras davam, o que por vezes era pouco.

Quem não se lembra da alegria que era, quando os

nossos pais iam à feira da Vide e à Sr.^a do Montalto e nos traziam uma santa de açúcar ou um pão doce?

Contudo, as gerações de 50/60 e inícios de 70 já não tiveram tempos tão

difíceis como os nossos pais e avós, que chegavam a andar com uma enxada nas mãos um dia inteiro sem terem muitas vezes uma “côdea” de pão para levar à boca! Tempos difíceis!

É por tudo isto que a minha mãe, mulher sábia e de mente aberta, sempre disse: “Não me venham cá defender aquele desgraçado do Salazar. Quando oiço pessoas da Teixeira e muitas vezes da família a defenderem-no, acho que têm memória curta e já não se lembram da fome que passaram”.

Obviamente que com estas condições de vida difícil, os teixeirenses viram-se obrigados a emigrar e outros deslocaram-se para os grandes centros, nomeadamente para a capital.

Logicamente que estas condições não eram exclusivas dos teixeirenses, elas repetiam-se pelo país fora.

Foi então que num País cansado da opressão e da fome e sem quaisquer direitos e liberdades, na madrugada de 25 de Abril de 1974 um grupo de capitães, em representação de uma nação, gritou “Basta”. Não queremos mais este regime, não queremos mais fome, não queremos um país onde as vozes se calem, não queremos um país onde as mentes se castrem, não queremos um país onde os corpos definhem.

Foi um dia memorável, um dia de muita alegria. Ainda que a maioria das pessoas não soubesse o que se estava a passar, (fruto da ignorância política em que estavam mergulhados), sabia com toda a certeza que aquilo que se vivia nas ruas, nas televisões, nas rádios, era bom para todos nós.

Foi um dia em que a ditadura deu lugar à liberdade!

Foi um dia em que nasceu o ideal de um país mais próspero e mais igual!

Foi o dia da conquista de Direitos, nomeadamente:

Liberdade de expressão

Liberdade de voto para homens e mulheres

Emancipação das mulheres

Direito à saúde e à educação

Pensões sociais e subsídios de desemprego

Pensões rurais sem diferenciação para mulheres e homens

Abonos de família

Salário mínimo nacional

Aumento dos salários

Férias, subsídio de férias e de natal

Respeito e Dignidade pelos cidadãos

Esperança

Aqui foram lançados os alicerces daquilo que somos hoje.

É inegável que o 25 de abril trouxe uma vida melhor ao país e da mesma forma à nossa aldeia. Hoje as pessoas que aqui vivem, têm qualidade de vida. Têm as suas reformas, têm médico semanal, têm apoios domiciliários, têm possibilidade de adquirir os bens alimentares no local ou no concelho.

Felizmente que já há muito tempo que a sardinha deixou de ser o único alimento que chegava à nossa terra. Hoje vem todo o tipo de bens, pão, peixe, carne, legumes, leite, frutas, iogurtes. Já nem sequer há matança do porco!

Pena é que os nossos governantes estejam a pôr em causa os ideais de Abril e estejamos a perder direitos conquistados há 40 anos.

Somos agora um país com crescimento de pobreza

Um país onde as desigualdades são cada vez maiores,

Um país de exclusão social,

Um país que reduz os salários aos trabalhadores,

Um país que reduz as pensões aos reformados,

Um país que nega a saúde e a educação aos cidadãos,

Um país que não respeita os seus idosos

Somos um país que trata mal os capitães de Abril!

O desemprego é assustador. Muitas famílias que viviam com um nível de vida médio/elevado, viram-se obrigadas a desfazer-se das suas casas, dos seus bens próprios, ao ponto de não terem pão para dar aos filhos. Não fossem os avós “a matar a fome” aos seus filhos e netos e a situação seria ainda mais dramática.

Mas como podem estes avós continuar a sustentar estes filhos e netos se lhes estão a retirar parte das suas reformas? ...

E não venham dizer que esta situação se deve ao facto de andarmos, durante anos, a viver acima das nossas possibilidades porque isso não é verdade, até porque face à Europa, eramos os que tínham o ordenado mínimo nacional e os salários médios mais baixos.

Voltámos a ser um país de emigrantes, só que desta vez com diferenças substanciais no tipo de emigração. Nos anos sessenta e início de setenta, devido ao índice de alfabetização do país, as pessoas que emigravam, de uma maneira geral, tinham uma qualificação baixa e eram essencialmente rurais. Presentemente emigram quadros de empresas que perderam os seus empregos e uma grande massa de jovens com formação académica em quem este país investiu e não aproveitou. E País que manda os seus jovens licenciados para o estrangeiro, não tem futuro!

Temos que inverter esta situação travando a marcha que caminha há três anos e que já fez regredir 20 anos a nossa qualidade de vida.

Queremos um País que saiba criar mais valor e que valorize os seus quadros, jovens e trabalhadores em geral.

Queremos um País democrático!

Mas como não nos podemos dissociar da Europa, também queremos uma Europa melhor, porque esta



não tem estado à altura de resolver os problemas.

Queremos uma Europa que restaure a confiança, a coesão e a democracia!

Contudo, temos que renovar a esperança.

Temos que acreditar que esta fase é apenas uma “nuvem passageira”.



cadastro predial de Seia avança em agosto

Seia é um dos concelhos contemplados no cronograma das operações de execução do cadastro predial, do projeto SiNErGIC (Sistema Nacional de Exploração e Gestão de Informação Cadastral), que se inicia em agosto deste ano, a par dos municípios de Paredes, Penafiel, Oliveira do Hospital, Loulé, São Brás de Alportel e Tavira.

Da responsabilidade de Direção-Geral do Território, o projeto SiNErGIC tem por objetivo caracterizar todos os prédios rústicos e urbanos, identificando os seus limites, os seus marcos e as suas extremas, bem como os seus proprietários, ou titulares de direitos.

Trata-se de um trabalho da maior relevância que permitirá conhecer todas as propriedades e proprietários do território concelhio, sendo essa informação fundamental para a gestão e ordenamento do território, e para solucionar problemas aos proprietários da identificação e delimitação das suas propriedades.

A Direção-Geral do Território adjudicou à empresa Município, SA os trabalhos de execução do cadastro, que incluem a realização de cartografia e a recolha de toda a informação necessária à identificação dos prédios. Os trabalhos de campo terão início em agosto e prolongar-se-ão até maio de 2015.

Para a realização e sucesso deste trabalho é fundamental a colaboração de todos, dos proprietários, das entidades públicas locais e das associações. Neste âmbito, o Município de Seia informa que prestará, desde esta fase inicial do trabalho, apoio à Direção-geral do Território e à Município SA, divulgando toda a informação sobre o processo, para que todos os cidadãos sejam esclarecidos e possam desta forma contribuir para que esta operação seja bem sucedida.

eleições europeias em Seia

O Partido Socialista venceu em Seia as eleições para o Parlamento Europeu com 38,70 por cento. A lista liderada por Francisco Assis registou 3248 votos contra os 2501 (29,80%) obtidos por Paulo Rangel da coligação PSD/CDS-PP. A terceira força política mais votada no concelho de Seia foi a CDU com 621 votos (7,40%), seguindo-se o MPT de Marinho e Pinto com 518 votos (6,17%). O Bloco de Esquerda não foi além dos 221 votos (2,63%). Por Freguesias ou União de Freguesias o PS venceu em 12: Alvoco da Serra, Loriga, Sabugueiro, Santa Comba, Teixeira, Valezim, Vila Cova, União de Freguesias de Carragozela e Várzea, Santa Marinha e São Martinho, Seia, São Romão e Lapa dos Dinheiros, Torrocelo e Folhadosa e Vide e Cabeça; e o PSD/CDS-PP em 9: Girabolhos, Paranhos da Beira, Pinhanços, Sandomil, Santiago, Sazes da Beira, Travancinha e na União de Freguesias de Samecie e Santa Eulália e Tourais e Lajes. A abstenção no concelho de Seia registou uma percentagem de 65,65.

Festival ARTIS aposta na celebração das artes em Seia

Decorre na Casa Municipal da Cultura de Seia até ao final de junho o Festival de Artes Plásticas – ARTIS, que este ano cumpre a sua XII edição, por iniciativa do município e Associação de Arte e Imagem de Seia.

Trata-se de um dos eventos âncora do município, que tem por objetivo dar espaço aos jovens talentos do concelho de Seia. Na edição deste ano, essa aposta é uma vez mais bem visível, por um lado pela participação nas exposições colectivas de pintura, fotografia e escultura, onde se presente o aroma performativo dos cerca de 70 criadores presentes e por outro, pela variedade de actividades paralelas, onde confluem igualmente várias manifestações artísticas, na área da música, do teatro, cinema ou literatura.





SEDE

AAT - Associação Amigos da Teixeira
Rua Nossa Senhora da Conceição, 5
6285-051 Teixeira Seia
Telf.: 238 661 058

E-mail: associacao.amigos.teixeira@gmail.com

DELEGAÇÃO DE LISBOA

Praceta Oscar Silva nº8 , 6ºesq
2855 -590
Santa Marta do Pinhal - Corroios
Telf.:212551977

coordenadas GPS da Teixeira

40°15'11"N 7°44'29"W

Visite-nos em
www.amigosdateixeira.pt

ISENTA DE REGISTO NA E.R.C., AO ABRIGO DO DECRETO REGULAMENTAR 8/99 DE 9/6, ARTIGO 12 º N º1.A